



DIÁRIO – 18 de novembro de 2025

Apresentadores/Autor/Participantes:

Sabrina K., Laíza/Thiago/André, Augusto, Bruna, Cilene, Cristiane, Daniel, Daniele, Josiane, Larissa, Lucas P., Thalia.

Referência

FRIGOTTO, Gaudêncio. A interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas ciências sociais. **Ideação**, v.10, n.1, p.41-62, 2010. DOI: 10.48075/ri.v10i1.4143. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/4143>. Acesso em: 18 nov. 2025.

O encontro realizado objetivou dar continuidade ao movimento coletivo de discussões sobre a interdisciplinaridade e, por ser o último do semestre, promover reflexões sobre a evolução conceitual do grupo. Após contextualizar a escolha do texto, as professoras Laíza e Sabrina apresentaram as questões iniciais: “quais as percepções sobre a leitura? E como o texto contribui para o andamento das nossas discussões?”.

De modo geral, o coletivo entendeu que o estilo de escrita do autor é mais filosófico e, por isso mesmo, problematizador. Neste sentido, alguns integrantes tiveram dificuldades na leitura do texto. Entretanto, em relação ao conteúdo abordado, o coletivo reconheceu que os conceitos apresentados por Frigotto já vinham sendo discutidos ao longo do semestre (de forma inicial) e que, mesmo exigindo maior esforço interpretativo, o texto auxiliou na compreensão de algumas definições e nas relações entre conceitos.

Ainda neste momento inicial, resgatou-se a discussão realizada no encontro anterior, com o professor Antônio Dalmolin, sobre as perspectivas de interdisciplinaridade estarem relacionadas ao tipo de sociedade que vivemos e almejamos. O grupo compreendeu que o texto de Frigotto aborda não apenas a dimensão pedagógica/curricular da interdisciplinaridade, mas – diferente de outros autores(as) lidos – avança para relacioná-la à dimensão ontológica e aos modelos de sociedade e, por isso, deve ser discutida como uma “necessidade e problema”.

Inspiradas pelas reflexões finais do encontro anterior, as apresentadoras propuseram a seguinte dinâmica: divididos em quatro subgrupos, os participantes deveriam selecionar trechos ou ideias-chave do texto que se relacionassem com os campos “ontológico”, “gnosiológico”, “epistemológico” e “praxiológico”. Após a seleção dos trechos e diálogos nos subgrupos, foram realizadas socializações no coletivo.

Sobre a dimensão “praxiológica”, apresentaram-se diferentes trechos, dentre os quais “é na e pela práxis, na formulação original de Marx, que podemos, sem abandonar a radicalidade teórica e mesmo política, e sem concessões ao ecletismo, dialogar criticamente com análises que se fundam em outras concepções da realidade” (p.58). Sobre esta dimensão, portanto, o coletivo entendeu-a como um constante desafio, o qual envolve superar a fragmentação dos conhecimentos entre as formações, assim como entre a teoria e a prática.

Em relação à dimensão “ontológica”, discutiu-se que a própria fragmentação dos processos produtivos e pedagógicos favorecem a alienação do ser social. Nesse sentido, “necessitamos, então perceber que a superação mais profunda dos limites que encontramos na produção do conhecimento e nos processos pedagógicos de sua socialização somente se dará de forma mais efetiva na medida que forem sendo rompidas as relações sociais que fornecem a base material destes limites” (p.51). Sobre tal apontamento, emergiram dois aspectos.

O coletivo compreendeu que discutir interdisciplinaridade juntamente a esta dimensão, pelas razões brevemente descritas acima, é algo que diferencia este autor de outros como, por exemplo, Fazenda (a qual discute ser possível o desenvolvimento de práticas interdisciplinares a partir de um único sujeito – em uma atitude interdisciplinar). Associado a isto, outro aspecto observado é que – ao problematizar o fato da interdisciplinaridade estar relacionada não com a mudança de sujeitos, mas de sistemas – o autor nos deixa cientes que o trabalho pedagógico/curricular dos(as) professores(as) não resolve todos os problemas escolares, mas que sem este trabalho nada mudará.

Sobre a dimensão “epistemológica”, apontou-se que o autor não realizou uma discussão de modo explícito, de modo que o trecho selecionado foi “caminha-se aqui na direção oposta ao que nos indica o processo científico [...] Os conhecimentos de maior universalidade são exatamente aqueles que tem maior nível de abstração. Isto significa dizer aqueles conhecimentos que em sua unidade engendram a diversidade” (p.59). Disto, apontou-se para uma interdisciplinaridade que valorize não apenas os saberes científicos, mas outros saberes.

No campo “gnosiológico”, o grupo debateu como o texto problematiza o ato cognitivo e a relação entre conhecimento abstrato e conhecimento social, especialmente a partir de trechos da p.46. Comentou-se sobre a realidade, para Frigotto, não ser neutra: algo que dialoga diretamente com Freire e com a necessidade de compreender a produção do conhecimento enquanto prática social e histórica.

Como síntese desta dinâmica, os participantes perceberam que o autor não desenvolve de forma sistemática as quatro dimensões (epistemológica, gnosiológica, ontológica e praxiológica), mas que as atravessa o tempo todo, convidando o(a) leitor(a) a reconstruí-las.

Na sequência, as apresentadoras realizaram leituras sobre o conceito de “totalidade concreta”, a partir de trechos das [páginas 44 e 50](#). Após, problematizaram: “na prática da pesquisa de vocês, onde e como aparece essa ideia de totalidade?”. Discutiu-se sobre a importância do adjetivo “concreta”, pois totalidade, por si só, pode remeter a abstrações vazias. Ainda, debateu-se sobre a própria organização do trabalho científico, e de como pesquisadores(as) são levados a fragmentar objetos e métodos, dificultando a apreensão da totalidade concreta. Neste sentido, destacou-se a necessidade de situar cada pesquisa em seu contexto histórico e social.

De modo a dar continuidade ao encontro, outra questão foi proposta: “De que forma tal sistema social influencia a prática interdisciplinar no contexto escolar e no contexto de produção de conhecimento?”. Sobre isso, apontou-se que as avaliações externas, métricas e cobranças institucionais atuais limitam a prática interdisciplinar e reforçam modelos fragmentados de ensino. Ademais, no campo da pesquisa, comentou-se sobre a articulação entre o financiamento, políticas públicas e interesses econômicos, destacando a desigualdade em investimentos, por exemplo, entre agroecologia e agronegócio.

Considerando estas discussões, questionou-se “o que isso tudo nos obriga a repensar em nossas pesquisas?”. Como síntese, ressaltou-se que o texto potencializa a construção de significados sobre a questão “a serviço de quem está o meu trabalho docente?” e, com isso, possibilita compreender que as frustrações docentes em relação às práticas interdisciplinares não são geradas por culpas individuais, mas por questões estruturais.

O encontro encerrou-se com a seguinte atividade: cada integrante deveria refletir sobre o avanço de compreensão conceitual envolvendo a interdisciplinaridade. Para tanto, cada sujeito deveria completar a seguinte frase: “A interdisciplinaridade, para mim, deixou de ser... e passou a ser...”. Sem pormenorizar, as respostas evidenciaram uma evolução conceitual coletiva: i) deixar de entender a interdisciplinaridade como método ou prática de integração superficial; ii) vê-la como problema, dúvida, caminho aberto, ato político, movimento histórico e projeto de sociedade; iii) compreendê-la como pressuposto complexo que articula dimensões ontológicas, gnosiológicas, epistemológicas e praxiológicas; iv) assumir que envolve disputar concepções de mundo, romper fragmentações e enfrentar limites estruturais.